

# MOVIMENTO MANGUEBEAT: CONSTRUCTOS NO CAMPO DO LÚDICO E DAS MANIFESTAÇÕES CORPORAIS

## MANGUEBEAT MOVEMENT: CONSTRUCTIONS IN THE LUDIC FIELD AND OF THE CORPORAL MANIFESTATIONS

*Larissa Michelle Lara<sup>1</sup>*  
*Giuliano Gomes de Assis Pimentel<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Esta reflexão centra-se no movimento manguêbeat e em como seus elementos, forjados no intercruzamento de fontes da cultura popular e massiva, canalizam ações e representações no campo do lúdico e das manifestações corporais. Buscando verificar como este gênero musical conduziu à criação de sentidos na cultura local foram selecionadas músicas de Chico Science e Nação Zumbi - expoentes principais desse movimento gerado em Recife-PE, na década de 90 do século XX. A análise aponta para conexões entre o popular e o massivo como possibilidade de crítica, expressas nas letras das músicas, nos ritmos psicodélicos e na transposição da racionalidade cotidiana para o instaurar de um outro "estado de consciência".

**PALAVRAS-CHAVE:** Manguêbeat. Cultura Popular. Cultura de Massa. Representações Corporais. Ludicidade.

### Introdução

Este texto é resultante da combinação de olhares sobre o manguêbeat - movimento cultural criado na década de 90 do século XX na cidade do Recife-PE, cujas características são originadas pela interconexão da cultura popular local com ritmos mundializados. Um dos recortes é marcado pela obra musical do compositor e artista Francisco França (1966-1997), conhecido por Chico Science, juntamente com o grupo Nação Zumbi. Buscou-se compreender o movimento manguêbeat pela transposição de elementos da cultura popular brasileira para a produção musical massiva, verificando como este movimento influenciou a aquisição de uma cultura corporal que passa a internalizar a dialogicidade de ritmos nacionais e internacionais. Outro recorte é marcado pela estada em Recife-PE no ano de 2002 para investigações

1 Doutora em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

2 Doutorando em Educação Física. Membro do Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

sobre o maracatu nação por meio de trabalho de campo, possibilitando um olhar ampliado voltado para o contexto da cidade - rotina, grupos populares, preparação carnavalesca, carnaval, religiosidade<sup>3</sup>.

Entender o maracatu nação pressupunha contextualizar o cenário que o gerava, assim como as "técnicas corporais" que diferenciavam uma maracatu nação de um maracatu rural, uma ciranda, um caboclinhos, um frevo ou um coco. As observações realizadas na localidade de Chão de Estrelas permitiram que informações fossem coletadas e que alguns dados, não esperados, aparecessem. Populares lembram da presença de Science em seu pedaço. "Não saia daqui", afirma um deles. A localidade é apresentada, sendo apontados locais formados por mangue. "Aqui não existia casa. Era tudo mangue" (LARA, 2004).

Foi possível conhecer ainda, em Chão de Estrelas, o Daruê Malungo (companheiro de luta em iorubá) - núcleo de apoio à criança e à comunidade carente. Trata-se de uma escola de arte, de resistência da cultura negra, em que menores da comunidade de Chão de Estrelas e vizinhança podem desenvolver atividades de dança, percussão, canto, cursos profissionalizantes e outros. É como parte do Daruê Malungo que surgiu o grupo musical Lamento Negro, de onde se originou a maioria dos percussionistas do Nação Zumbi. Talvez por isso, explica Teles (2000), é que o nome "Mangue", dado por Chico Science ao novo gênero musical (manguebit), seja uma homenagem àquele núcleo.

Lima (2003, p. 66-67), por exemplo, ao mencionar os movimentos culturais que surgiram em Pernambuco, aponta como elementos importantes para a reconstrução de um clima propício para os maracatus nação "a fundação do grupo de maracatu intitulado 'Nação Pernambuco' no final dos anos 80, e a eclosão do movimento 'Mangue Beat', através das bandas Chico Science & Nação Zumbi, e outras menos famosas". O autor acrescenta que estas bandas e o Maracatu Nação Pernambuco contribuíram para que um novo momento irrompesse, marcado, sobretudo, pela ausência de vergonha em ser de um maracatu nação, ou dançar um ritmo, o que antes era entendido como coisa de negro favelado e xangozeiro.

A observação cotidiana em Recife conduziu a reflexões que hoje se traduzem neste artigo. São estas reflexões, iniciadas em estudo de campo com os maracatus nação, que agora nos transportam para o contexto cultural que deu origem ao manguebeat e para os mentores desse movimento, o que caracteriza a primeira parte deste texto. O momento seguinte sinaliza para algumas músicas de Chico Science e Nação Zumbi, sendo selecionadas quatro faixas para esta discussão, as quais tocam mais diretamente a cidade de Recife e suas manifestações populares. São elas: Monólogo ao pé do ouvido; Rios, pontes e overdrives; A cidade; A Praieira<sup>4</sup>.

3 A pesquisa realizada em Recife-PE foi realizada para fins doutorais e pode ser consultada em LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2004. (Tese, Doutorado em Educação).

4 Estas músicas foram retiradas do Álbum Da Lama ao Caos. Produzido por Liminha, este cd foi selecionado por registrar a primeira das três obras do grupo, misturando maracatu, samba de roda, caboclinho, funk, soul, guitarras pesadas e psicodelia.

Os apontamentos finais trazem reflexões sobre o movimento no campo do lúdico e das manifestações corporais.

### Na Batida do Manguê

A mescla do ritmo das alfaias e gonguês ao som eletrônico das guitarras contribuiu para difundir o gênero musical *mangubeat*. Essa "apropriação do popular" favoreceu a divulgação das manifestações populares recifenses, que longe de serem deturpadas, passam a ser valorizadas num outro contexto cultural.

Além de possibilitar um espaço fecundo para a revitalização das manifestações populares e, conseqüentemente, a valorização de comunidades da periferia, o impulso dado pelo movimento mangubeat trouxe a capitalização das práticas populares, fixando em bases locais parte da renda destinada ao consumo cultural. Segundo Teles (2000), um dos segredos para essa maior comunicação entre extratos sociais, permitindo à periferia (manguê) ser acessada pela classe média, foi a composição dos "caranguejos com cérebro" (autodenominação dos integrantes do movimento), comportando classe média, pobres e excluídos.

Mesmo considerando que o mangubeat como movimento não tenha representado uma ruptura com a cultura massiva ou com o sistema capitalista, este se situa em oposição a ambos, apropriando-se de seus elementos para subvertê-los. Neste sentido, chama atenção a organização do grupo no sentido de constituir uma nova ordem estética capaz, ao mesmo tempo, de negar o tradicionalismo que sufoca as mudanças, mas, também, evitar que a cultura globalizada se imponha de fora para dentro. A esse respeito, o pensamento de Santos (2004) sobre a globalização parece coincidir com o observado em Recife. Para o autor, a globalização, ao invés de homogeneizar a cultura, pelo contrário, acentua sua heterogeneidade. Entre as conseqüências desse processo vê-se a ressignificação da cultura popular, proporcionando condições para que as próprias massas surjam e questionem a cultura massiva.

No caso do mangubeat, essa articulação do massivo com o popular se remete aos quase-tropicalistas de 68, cuja tendência era entrecruzar o rock com os ritmos locais e realizar a crítica à elite local nas manifestações de teatro, cinema e literatura pautadas em ensaios niilistas. Faltava, porém, a essas iniciativas, uma identidade, como veio a se preocupar o *mangubeat*. O desafio deste foi aproveitar as energias criadoras da cultura popular sem pilhá-la ou prendê-la ao tradicionalismo.

Science, expoente maior do movimento, por sua vez, vinha de experiências infantis com a roda de ciranda e a coleta de caranguejos no manguê. Na adolescência, encantou-se com a *Black Music* e o rock dos anos 60. Também se envolveu com o *Hip-Hop*, movimento que, partindo da música, engloba moda, atitude, dança, marcas corporais, maneirismos gestuais e ideologia. Como MC (mestre de cerimônias), desejava participar de algo que unisse o som *hardcore* e o som das discotecas (ritmos mundializados: soul, funk e hip hop) com elementos locais identificadores, principalmente, das camadas oprimidas da periferia (TELES, 2000).

Neste sentido, a palavra mangue não poderia ser mais apropriada, afirma Teles (2000). Além de responsável pela reprodução de uma grande quantidade de organismos marinhos, o mangue está presente em diversas regiões de Recife e Olinda (mais da metade da população reside em áreas de mangue), sendo parte do cotidiano. Vale lembrar da figura do vendedor de caranguejo como ícone local.

Conforme o Manifesto do manguebeat (1994) apresentado em linhas gerais no cd *Da lama ao caos*<sup>5</sup>, nos últimos trinta anos Recife sofria da síndrome da estagnação, com agravo na miséria e caos urbano. A partir de 1991, em vários pontos da cidade foram sendo estudadas e produzidas "idéias pop" para gerar mudanças no plano cultural. Como o objetivo do grupo é conectar o mangue com a "rede mundial de circulação de conceitos pop", o símbolo do movimento é "uma antena parabólica enfiada na lama". O Manifesto ilustra os interesses dos "mangueboys e manguegirls", como, por exemplo, quadrinhos, tv interativa, anti-psiquiatria, Bezerra da Silva, hip hop, músicas de rua, acaso, sexo não-virtual, conflitos étnicos e outros aspectos da química aplicada ao campo da consciência.

Como movimento, o *manguebeat* é constructo e construtor de corpos culturais. Ao ilustrar o Manifesto no formato das histórias em quadrinhos, seus redatores consideravam que a mutação associada à adesão ao movimento era, antes de tudo, identificável nas superfícies corporais. As indumentárias, por exemplo, são fruto de fusões entre material local (chapéu redondo de palha, camisas coloridas, calças de tergal) com acessórios (óculos, calçados, cintos) usados no universo pop, remetendo-se ao tipo de mescla já comum aos caboclos de lança do maracatu rural.

Outro aspecto sociocultural importante em relação à gestualidade no *manguebeat* é, conforme o Manifesto, a "alteração e expansão da consciência" por meio de avanços da química, o que não seria o meio exclusivo de se obter esse resultado. A própria dança embalada pela música imprevisível é caracterizada pelo frenesi rítmico. Ela facilitaria a adequação dos corpos à nova realidade geográfica de Recife. Tem-se o ilinx dançante do mangue. O transe estimulado pelo ritmo (e drogas) convive com as caóticas letras das músicas. Como será tratado adiante, essa aparente confusão viria a permitir o entendimento da mensagem para além da racionalidade moderna.

A dança no *manguebeat*, nascida no âmbito da conurbação urbana e dos espaços reduzidos, foi uma das transformações sutis observadas na população local como forma de enfrentamento aos desafios de sobrevivência de sua cultura. Aliás, para elucidação das ações locais de "sair da lama e enfrentar os urubus", as músicas de Science são seminais.

### Monólogo, Cidade, Overdrives, Praieira...

Algumas músicas de Chico Science e Nação Zumbi são trazidas no sentido de ilustrar a mescla do popular e do massivo. Suas letras focam a valorização/denúncia da cultura local, em seus encantos e mazelas. Em Monólogo ao Pé do Ouvido,

<sup>5</sup> SCIENCE, Chico; ZUMBI, Nação. *Da lama ao caos*. Manaus: Sony Music Entertainment Ind. e Com. LTDA. 1994. [cd].

Science atenta para a necessidade de mudança, aludindo para a própria criação do mangubeat que inova ao trazer os ritmos populares no contexto musical eletrônico: a modernização do passado é uma evolução cultural. Reforça a luta comunitária, os heróis que, segundo ele, "também cantaram um dia".

Modernizar o passado/ É uma evolução cultural/ Cadê as notas que estavam aqui?/ Não preciso delas/Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos/  
O medo dá origem ao mal/ O homem coletivo sente a necessidade de lutar/  
O orgulho, a arrogância, a glória/ Enche a imaginação de domínio/São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade/Viva Zapata/  
Viva Sandino/Antônio Conselheiro/ Todos os Panteras Negras/Lampião sua imagem e semelhança/ Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.

A música modernizada que eclode no *mangubeat* não se configura apenas como um novo gênero musical, mas, antes de tudo, se coloca como nova atitude diante da vida, marcada pela irreverência que estimula a coletividade, a necessidade de luta, a ousadia, o caos para o instaurar de uma nova ordem. Não se busca a perda da identidade do fazer musical artístico e, nem tampouco, a "arte pela arte", em sua não finalidade, mas a visualiza como possibilidade de crítica, revelada no corpo, nas vestes, nas falas, no ritmo, nas letras. A menção a líderes guerrilheiros como Zapata no México e Sandino na Nicarágua, assim como aos brasileiros Antonio Conselheiro - líder político-religioso - e Lampião - rei do cangaço - refletem parte desse caos reformador.

A descrição do mangue é percebida em várias músicas do grupo. É fonte inspiradora do som que alucina, cujas batidas nascem no mangue de Chão de Estrelas e Peixinhos, localidades bastante carentes de Recife e Olinda, respectivamente, cujos limites são bastante tênues. É a cidade sendo revelada, em seus conflitos e contrastes. Rios, Pontes e Overdrives ilustra alguns fatos.

Porque no rio tem pato comendo lama/ Rios, pontes e overdrives - impressionantes esculturas de lama (...). Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Boa Vista/ Dois Irmãos, é o Cais do Porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU,/ Capibaribe e o Centrão/ Rios, pontes e overdrives - impressionantes esculturas de lama (...).

As "impressionantes esculturas de lama" referem-se às construções civis e aos corpos, ambos conectados pelos intercâmbios que perfazem no meio ambiente, sendo tomados, obrigatoriamente, pela lama do mangue. Durante o carnaval essa simbiose é ilustrada com o bloco cujos integrantes saem enlameados do mangue em direção ao centro. Na letra são citados bairros, córregos e rios da cidade do Recife. Ao serem rememorados, criam-se laços culturais da população recifense com este gênero musical e com os artistas que o representam. Revela-se uma dupla identificação

– do músico com o povo e deste com seu artista – gerando uma dependência mútua neste processo de mudanças culturais que extrapola a localidade pernambucana.

A música A cidade continua a descrever o cenário recifense, em suas ambições, contrastes, desvios e lamaçal (político, cultural, social) que impede o seu desenvolvimento.

(...) Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se são ruins,  
nem importa se são boas/E a cidade se apresenta centro das ambições/  
Para mendigos ou ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis, motos  
e metrô/Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs/ A cidade não pára,  
a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce. (...) Eu vou fazer  
uma embolada, um samba, um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom prá  
mim e bom prá tu/ Prá a gente sair da lama e enfrentar os urubu/ Num dia  
de sol Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior.

A cultura popular, representada nesta música pela embolada, pelo samba e pelo maracatu, em conexões possibilitadas pelo *manguebeat*, é percebida como forma de sair da "lama" em que a cidade se encontra. Recife é revelada em seus contrastes, em seu desenvolvimento anacrônico, sendo descrita pelo crescimento desenfreado que acentua as desigualdades sociais. É pela arte e, neste contexto, pelo novo gênero musical que mescla elementos do popular nacional com ritmos internacionais, que se acredita rumar para fora do lamaçal da cidade, do marasmo cultural que inviabilizava avanços.

A necessidade de buscar espaços públicos de lazer e de se viver a licenciosidade permitida pode ser percebida em A Praia. A ciranda, manifestação popular que encontra expressão em muitas praias nordestinas, quando as pessoas celebram a coletividade, aparece para reforçar este espaço. O uso lúdico de bebida de teor alcoólico como meio de transpor a racionalidade cotidiana é mencionada na música, parte do cenário da praia, dos que a usufruem como possibilidade de ócio.

No caminho é que se vê a praia melhor prá ficar/ Tenho a hora certa para  
beber/ Uma cerveja antes do almoço é muito bom/ Prá ficar pensando melhor/  
E eu piso onde quiser, você está girando melhor, garota! Na areia onde  
o mar chegou, a ciranda acabou de começar, e ela é! E é praia! Segura  
bem forte a mão/ E é praia!/Vou lembrando a revolução, vou lembrando  
a revolução/Mas há fronteiras nos jardins da razão/E na praia é que se vê  
a areia melhor prá deitar/ Vou dançar uma ciranda prá beber/ Uma cerveja  
antes do almoço é muito bom/ Prá ficar pensando melhor/Você pode pisar  
onde quer/ Que você se sente melhor (...).

A música traz elementos implícitos e, por isso mesmo, passíveis de leituras diversas. A bebida reforça a perspectiva do "transe", comum ao movimento artístico, gerando a ultrapassagem dos limites racionais. Há uma apologia do transe, percebida pela ciranda, pela dança em roda, coletiva (geralmente em sentido anti-horário), pelo instaurar da atemporalidade, pelo ingresso em um mundo mítico, pela bebida que ajuda a vislumbrar aspectos que a racionalidade impede. Atentamos para as palavras "praieira" e "revolução" que parecem fazer alusão à Revolta Praieira - movimento ocorrido em Pernambuco entre 1848 e 1852, resultante de lutas político-partidárias no período regente brasileiro. Os setores radicais do partido liberal pernambucano eram conhecidos como "praieiros", recebendo adesão da população urbana pobre, de pequenos arrendatários, de boiadeiros, mascates e negros libertos. O movimento foi rechaçado e derrotado em 1852 (REZENDE, 1995).

Embora estas músicas sejam apenas um recorte da produção musical do movimento *manguebeat*, colocam-se como exemplos consideráveis para a percepção da preocupação de seus mentores com a revigoração da cultura local, seja enaltecendo ou denunciando a forma como a mesma é gerada. Os ritmos populares do coco, dos maracatus nação e rural, da ciranda, do frevo, são mesclados ao som das guitarras. Busca-se o inusitado - conciliar tradição e inovação - acentuando a possibilidade de "modernizar o passado". Reforça-se a idéia de desenvolvimento consciente e não submissão às antigas tradições.

### Da Lama ao Caos: Algumas Considerações

O trâmite pelo movimento *manguebeat* e pelo que ele representa, sobretudo para a cultura pernambucana, conduz-nos a apontamentos no campo do lúdico e das manifestações corporais. Tais considerações representam uma leitura possível ao lado de tantas outras que possam advir de interpretações e olhares distintos.

O *manguebeat*, embora surgido com a preocupação de romper com a inércia cultural instaurada pela "lama", que impede o desenvolvimento da metrópole, traz o novo sem ser totalmente novo. Isso porque, o movimento retoma o sentimento gerado em épocas anteriores, a exemplo do Tropicalismo, movimento cultural do final da década de 60 do século XX, liderado pelos músicos Caetano Veloso e Gilberto Gil, mas com influências pernambucanas. A rápida adesão de Science e Nação Zumbi no meio cultural deu-se porque eles partiram do que a comunidade já havia criado e assumiu como seu, trazendo essa tendência em uma nova versão.

Tendo como marcas a irreverência, a improvisação, a ruptura com o hegemonicamente imposto, o Tropicalismo aproveitou elementos estrangeiros que entravam no país, mesclando-os aos elementos culturais brasileiros para originar um novo produto artístico, cuja inspiração partiu do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. A contracultura também serve de fonte inspiradora à medida que busca elementos contrários à cultura dominante, acolhendo tudo que esta cultura hegemônica entende como piegas, ultrapassado e ridículo.

O surgimento do movimento hippie, da onda "sexo, drogas e rock'n'roll", de uma construção musical pacifista e psicodélica dos anos 60, acaba sendo, de certa forma, revivida pelo movimento *manguebeat*, embora com uma roupagem diferenciada. Science e Nação Zumbi, ao buscarem o caos, instauram outro processo normativo. Atentam para os limites do campo racional como campo consciente, trazendo a perspectiva de uma vivência corporal psicodélica. Primam por um estado alterado de consciência proporcionado pela mescla de ritmos folclóricos e internacionais.

Essa espécie de "transe" a que são submetidos todos os que se entregam ao novo gênero musical, possibilitado pelo ritmo, pela dança, pela transposição cotidiana, instaura a crítica pelo caráter denunciador do movimento. Atenta para a necessidade constante de romper com a inércia e sair da lama que amarra o homem a um estado letárgico.

As letras e os ritmos celebrados por Science e Nação Zumbi trazem os ritmos pernambucanos do maracatu rural, do maracatu nação, do coco, da ciranda, entre outros. O maracatu rural, com seu som tribal, primitivo, marcado por personagens ritualísticos da Zona da Mata Pernambucana, como os caboclos de lança, é retomado pelo grupo, em ritmo e vestimenta. Science aparece, por vezes, trajado ao estilo do caboclo de lança, com sua cabeleira futurista, óculos escuros e comportamento atuado. Trata-se de um estado de retorno às origens, de ingresso num tempo espaço marcado por outra racionalidade. Esse estado é, de modo geral, possibilitado por várias manifestações culturais, como, por exemplo, o maracatu nação.

Os sons das alfaias e gonguês dos maracatus nação - manifestação ritualística de origem negra, religiosa e carnavalesca - aparecem mesclados às guitarras elétricas. O povo passa a reconhecer o maracatu e sua fusão com o ritmo frenético do funk, do soul ou do rock. Identifica o ritmo pernambucano e se interessa mais pelos elementos de seu folclore a partir desse intercruzamento. Os populares passam a ser lembrados nas músicas de Science e Nação Zumbi, seja nas letras, nos ritmos ou nas vozes que, por vezes, aparecem antes do início das músicas. O gestual quase que instintivo do maracatu nação, similar ao gestual observado em terreiros de candomblé, passa a ser revigorado em sua mescla com o gestual saltitante gerado pelo som das guitarras elétricas. O "corpo em transe" é revivido num outro cenário.

Essa capacidade de desprender-se do cotidiano rumo a um estado de transcendência aparece também na apropriação musical da ciranda. Esta manifestação é caracterizada por uma movimentação bem marcada, de passos cadenciados e coletivos, de mãos dadas e gestos uníssonos. A característica da ciranda recifense, consolidada pela roda, pelo estado atemporal, pela realização num espaço lúdico e nas horas de lazer, por vezes gerados na praia, instaura o rompimento com a racionalidade do trabalho, das obrigações cotidianas. A roda já em si a representação da atemporalidade e do instaurar de um outro estado de consciência. É pela roda, pela música e pelo gestual dançante que as pessoas conquistam o transe em manifestações da religiosidade afro-brasileira.



Esse estado de transe atingido com o ritmo provocado por Science e Nação Zumbi, embora distinto do transe religioso, congrega muitos de seus elementos constituintes, como a capacidade de transpor o cotidiano, de se entregar a outras vivências, de romper momentaneamente com padrões sociais para o instaurar do espaço sagrado, onde tudo é permitido.

Além da ciranda e dos maracatus, Chico Science e Nação Zumbi evocam o coco. Esta manifestação popular, também de origem africana, traz o desafio, a glorificação pessoal como marcas distintivas. O coco de embolada - forma poética musical improvisada ou não - traz o pensamento rápido, a esperteza, a denúncia realizada de forma cômica, divertida, valorizada pelos elementos lúdicos. O coco, com seu gestual frenético, ritmo vibrante, falas satíricas de valorização popular, aparece nas músicas de Science e Nação Zumbi, seja como letra ou como ritmo. Também se coloca como gesto atemporal, mítico, de ruptura com o cotidiano estando nele imerso.

Science teve o mérito de ter entendido a lógica massiva e a posto numa perspectiva crítica. Fez a hibridação entre o popular e o massivo, embora sem deixar que, hegemonicamente, o popular fosse influenciado pela ótica dominante. Ao trazer os ritmos de coco, maracatu e ciranda para o som frenético da guitarra, ao denunciar o estado patológico de Recife; ao disseminar falas irreverentes, por vezes proféticas, Science impulsiona um novo gênero musical que se coloca como nova postura diante da sociedade.

Canclini (1997) sinaliza para a confluência entre o moderno e o tradicional que leva a formas culturais híbridas nas culturas latino-americanas. Não se trata mais de leituras tradicionais nas quais a cultura arcaica está condicionada ao atraso, necessitando ser superada pela modernidade racionalista que não eliminou as práticas do passado. Muitas vezes, elas são redesenhadas e difundidas pelos instrumentos da modernidade e não extinguidas por ela.

Ao definir "hibridação" como uma mescla intercultural entre elementos disponíveis no culto, no popular e no massivo, Canclini (1997) enxerga nesse processo uma versatilidade da tradição frente à modernidade. As culturas já não se agrupam de forma fixa e estável, de maneira a impossibilitar a apreensão do popular através dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada. Isto porque os objetos, representações e indivíduos já se encontram desterritorializados, mantendo intercâmbio com outras experiências. E foi nesta ótica que o movimento *manguêbeat* procurou se firmar.

Se os meios de comunicação representam espaços de mediações culturais na sociedade, outros fatores são determinados e determinantes na atual configuração social e na emergência dos novos sujeitos: entre eles estão a estrutura das cidades, a violência, a escola, o tempo. Essa peregrinação por temas aparentemente tão diversos é, no fundo, uma busca de compreensão desse mosaico sócio-cultural.

Mais ainda, o argumento de Santos (2004) sobre a participação dos "de baixo" na produção da cultura, leva-nos a pensar nos movimentos endógenos (como o *manguêbeat*) que, embora possuam escassez de recursos, têm como

contrapartida a solidariedade entre seus integrantes, assegurando sua sobrevivência. Como sua música está baseada no território do mangue, fala diretamente do lugar e de seus problemas. Isto lhe daria forças para deformar os símbolos do mercado ou do poder alheios à "verdade" desses grupos populares.

Os homens do mangue – os caranguejos com cérebro – reciclam a cultura recifense, difundindo-a pelo mundo, e possibilitam que outros focos sejam dados às manifestações populares antes marginalizadas. Instauram representações corporais próprias que não perdem nem a ludicidade, nem seu potencial crítico-criativo. Saem da lama para o instante do caos, do estado psicodélico que possibilita ver mais que o aparente, rompendo com a rotina cotidiana que gera passividade e imobilismo.

Esses "caranguejos com cérebro", deformadores da "ordem e progresso", possibilitaram que Recife não fosse mais a mesma. Embora Science declarasse musicalmente que "Num dia de sol Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior", mesmo após a denúncia de seu estado patológico, a cidade já não está como era. Efetiva a relação "da lama ao caos, do caos à lama". A denúncia é renovada, seja no rememorar do *manguebeat*, seja em outras práticas musicais de grupos que surgem a partir dessa inspiração, seja nas manifestações corporais populares que constantemente ganham as ruas. Nestas se encontram, muitas vezes, artistas anônimos, cujo corpo tanto pode rememorar o frenesi rítmico praieiro, arrefecê-lo nos encontros carnavalescos pelas vielas ou mesmo torná-lo gestualidade contemplativa, tal qual uma "impressionante escultura de lama".

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.

LARA, Larissa Michelle. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2004. (Tese, Doutorado em Educação).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*. Recife: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, UFPE, 2003. (Monografia. Graduação em História).

MANIFESTO do manguebeat: caranguejos com cérebro. In: SCIENCE, Chico e ZUMBI, Nação. *Da lama ao caos*. Manaus: Sony Music Entertainment Ind. e Com. LTDA. 1994. [cd].

REZENDE, Antonio Paulo. *A revolução praieira*. São Paulo: Ática, 1995.

SCIENCE, Chico e ZUMBI, Nação. *Da lama ao caos*. Manaus: Sony Music Entertainment Ind. e Com. LTDA. 1994. [cd].

SANTOS, Miltom. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

TELES, José. *Do frevo ao mangubeat*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

**ABSTRACT:** The study discusses the mangubeat movement and how their elements, wrought in the cross-current of sources of the popular and massive culture, channel actions and representations in the ludic field and of the corporal manifestations. They were selected, for this investigation, music of Chico Science and Nação Zumbi - main exponents of that movement generated in Recife-PE in the decade of 90 of the century XX - looking for verify how this musical gender led to the creation of senses in the local culture. The investigations and the analysis appear for connections between the popular and the massive as critic possibility, expressed in the letters of the music, in the psychedelic rhythms and in the transposition of the daily rationality for establishing of another "state of conscience."

**KEYWORDS:** Mangubeat. Popular Culture. Mass Media. Corporal Representations. Ludic.

---

**Endereço dos Autores:**

Larissa Michelle Lara

Universidade Estadual de Maringá.

Departamento de Educação Física.

Av. Colombo, 5790. Cep 87020-900, Maringá-PR

Endereço Eletrônico: lmlara@uem.br

**Recebido em:** 28/09/05

**Aceito em:** 25/10/05

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Endereço Eletrônico: ggapimentel@uem.br